

## Reflexões

### O velho e o tempo



*Ana Carla Neves Santos*

De todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável, o mais certo em sua marcha, o mais fácil de prever com muita antecedência e, talvez, o de consequências mais pesadas, é o envelhecimento da população. (BEAUVOIR, 1990)

**A** epígrafe que inicia esta reflexão indica que, apesar da previsibilidade, o envelhecimento populacional mostra-se como fenômeno novo na humanidade. Devido ao declínio da mortalidade, da diminuição da natalidade, das vacinações sistemáticas, do saneamento básico e, principalmente, os avanços da medicina as pessoas estão vivendo cada vez mais. Em todo o mundo, hoje, os velhos são a parcela da população que mais cresce, mas mesmo diante de tantos dados estatísticos a população e os poderes públicos parecem manter-se alheios. Segundo Rodrigues e Soares (2006, p. 29):

A abordagem da temática do envelhecimento inclui, necessariamente, a análise dos aspectos culturais, políticos e econômicos relativos a valores, preconceitos e sistemas simbólicos que permeiam a história das

sociedades. Entende-se que envelhecimento é um processo vitalício e que os padrões de vida que promovem um envelhecimento com saúde são formados no princípio da vida. Porém, vale salientar que fatores socioculturais definem o olhar que a sociedade tem sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelece com esse segmento populacional.

Segundo estes autores, devido às mudanças na estrutura demográfica brasileira, decorrente em parte pelo aumento da expectativa de vida, estão sendo atribuídos novos papéis sociais aos indivíduos mais velhos que levam, inevitavelmente, à discussão sobre conceito de idoso. Da mesma forma, impõe-se o questionamento dos critérios estabelecidos socialmente para determinar a partir de quando um indivíduo passa a ser incluído nessa categoria etária. Para Erikson, citado por Papalia (2009, p. 674):

A realização suprema da terceira idade é o senso de integridade do ego, uma realização baseada na reflexão sobre a própria vida. Os adultos mais velhos precisam avaliar, resumir e aceitarem sua vida para poder aceitar a aproximação da morte. A virtude que podem desenvolver-se durante esse estágio é a sabedoria, uma preocupação informada e imparcial com a própria vida diante da morte. Sabedoria significa aceitar a vida que se viveu, sem maiores arrependimentos, sem alongar-se no que “deveria ter feito” ou em “como poderia ter sido”. As pessoas que não alcançam a aceitação sucumbem ao desespero, percebendo que o tempo é curto demais para buscar os outros caminhos para a integridade do ego.

Esta afirmação se complementa nas palavras de Beauvoir:

A velhice é também fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades; acarretando consequências psicológicas. Certos comportamentos são considerados com razão, com características da idade avançada, como na maioria das situações humanas, ela tem dimensão existencial; ou seja, modifica a relação indivíduo com o tempo é, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. (1990, p. 15).

O homem não vive em estado natural e na velhice, como em qualquer idade, ele é imposto pela sociedade ao qual pertence e que destina ao velho seu lugar e papel, o que torna a questão complexa e interdependente, em diferentes perspectivas. Beres (2002, citando BIANCHI, 1993) afirma que a velhice não pode ser apenas determinada cronologicamente, mas deve ser vista também sob uma ótica subjetiva, pois a construção desse caminho é própria a cada sujeito, ou seja, o mundo interior determina a forma de envelhecer.

Segundo a autora, o envelhecimento psíquico demonstra estar relacionado às possíveis dificuldades da pessoa em seus laços afetivos, e à forma como reage a essas perdas, ressaltando que no cotidiano os sinais externos do corpo marcam na sociedade 'o ser velho', mesmo que a pessoa não se sinta como tal. Afirma igualmente que uma das formas que pode possibilitar a pessoa sentir-se como uma fonte criativa, e assim evitar os efeitos dos sinais de envelhecimento, é desempenhar vários papéis sociais.

Através da história constata-se como foi a construção social da imagem do idoso: em alguns períodos foram considerados sábios e venerados, e a velhice era encarada como um momento de sabedoria, valorização e respeito. O idoso era integrado à família e seu poder participativo derivava, nesta perspectiva, pelo acúmulo de experiências e conhecimento. Conforme Magalhães (1989), nesse caso, a função social da pessoa idosa era dar continuidade à cultura daquele povo ou tribo, revivendo lembranças e costumes junto às novas gerações.

Por outro lado, na era pré-cristã, no Egito, Grécia, Itália, Índia e Israel, a pobreza, miséria, velhice, doença e as catástrofes eram consideradas castigo dos deuses aos que infringissem suas leis. As causas dos acontecimentos eram buscadas numa compreensão mítica / mística da realidade, e algumas civilizações comparavam o ciclo de vida humana às estações do ano - a velhice era descrita como inverno sombrio, frio e improdutivo (SANTOS 2005).

O mesmo autor afirma, assim, que é um mito considerar que em todas as sociedades da antiguidade o idoso era respeitado e tratado com veneração, em função do seu saber e experiência. Primeiro, porque com o desenvolvimento dessas sociedades, a concepção acerca da velhice e, conseqüentemente, o seu tratamento variava conforme a posição socioeconômica que o indivíduo nela ocupava e conforme o tipo de organização social de cada grupo. Por exemplo, na sociedade feudal, devido à diminuição de suas condições físicas e psíquicas, os idosos eram encaminhados a retiros e incentivados ao isolamento social em asilos, não recebendo tratamento diferenciado dos loucos e mendigos. A lei dos pobres, de 1597<sup>1</sup>, os declarava indigentes e retirava o direito à cidadania econômica de todos aqueles que fossem atendimentos pelo sistema de assistência pública.

Na idade moderna, com advento da sociedade industrial e, conseqüentemente, com a intensificação do processo de urbanização, a situação da velhice se agrava por novos motivos. Para Faleiros (1985) o capitalismo, regime caracterizado pelo trabalho assalariado, extingue os vínculos predominantes no feudalismo, de relação pessoal de dependência. Os indivíduos incapacitados para o trabalho ou que se encontram em períodos de não inserção no mercado, advindo de velhice, doença, desemprego e invalidez, e que põem em risco a reprodução da força do trabalho, não são mais assegurados pelo

---

<sup>1</sup> Esta lei assistencial inglesa, que previa atendimentos dos miseráveis com finalidade de evitar desordens sociais, seguia regras rígidas e associava o trabalho do Estado e da Igreja, foi aperfeiçoada e promulgada pelo Parlamento em 1601.

mecanismo tradicionais da sociedade familiar e das ligações pessoais, cabendo ao estado à cobertura dos custos dessa reprodução. Esse processo advém do intenso movimento por direitos sociais, determinados pelo pacto entre capital e trabalho, provocará a crise do sistema protecionista tradicional baseado no regime fabril que, mesmo assim, muitas das práticas de assistência continuavam baseadas em métodos pretéritos do feudalismo.

Afirma Beauvoir (1990), que nas sociedades capitalistas, o envelhecimento da população suscita uma nova questão, que o ministro inglês da saúde, Ian Mac Leod denominou de o “monte Everest dos problemas sociais atuais”, pois não somente as pessoas idosas são mais numerosas, como não podem se integrar espontaneamente à sociedade, que vê ‘obrigada’ a decidir sobre estatuto delas, decisão a ser tomada em nível governamental – a velhice torna-se, assim, objeto de uma política.

Entre as nações capitalista três consideram imperativo assegurar a todos os cidadãos um destino decente: a Suécia, a Noruega e a Dinamarca. Nesses países, com menor população e alta renda, a vida política se desenrola com menos conflitos e, em pleno regime capitalista liberal, edificou-se neles uma garantia social de direitos a todos à proteção mais completa possível, derivada,

em parte, dos pesados impostos sobre os rendimentos elevados, e a taxação sobre a produção de lixo.



Empréstimo consignado **CAIXA**

O mesmo não acontece em outros lugares do mundo, inclusive no Brasil, nos quais a condição do idoso é mais difícil, pois neles prevalece o interesse da economia, do capital, e não o das pessoas. Em nosso país vemos nas mídias o ‘convite’ aos

idosos aposentados para contraírem empréstimo bancário, para que efetuem compras a prazo, pelo telefone e com entrega a domicílio, tendo as parcelas debitadas no benefício do Instituto Nacional de Previdência social (INSS), fenômeno que é claro sintoma da atual conjuntura econômica nacional - o cliente, na condição de aposentado, apresenta-se como investimento seguro para empresas, convertendo-se num novo nicho de mercado (RODRIGUES, 2005). Complementando, Santos (2005) observa que nas sociedades industriais o conflito de gerações se intensifica, pois a solidariedade entre as elas se rompe, e os velhos passavam a ser vistos como ‘algo’ que refreia o sistema produtivo.

Como afirma Arcuri (2006), a modernidade passou a considerar a velhice como um estágio importante para o desenvolvimento humano, ou seja, não é mais vista como uma fase terminal, mas quando articulada ao mercado de trabalho, na fase entre 50 e 60 anos, a pessoa já é considerada velha. Faz ainda uma reflexão baseada em Jung, dizendo que, para ele, o homem deve estabelecer vínculos sólidos no mundo, fundar uma família, construir uma situação e que ao

chegar à maturidade deve ter um tempo para ser si mesmo, no sentido mais profundo.

Na sociedade atual existe o 'medo' de envelhecer, presente na ideia de que a partir desta fase a vida termina, com a perda de espaços sociais de reconhecimento e de sobrevivência, e estimula um cuidado excessivo da aparência física por meio de plásticas, ginásticas, cosméticos e outros procedimentos. No entanto o processo de envelhecimento e as perdas decorrentes são uma realidade e viver mais passa a ser como desvantagem e não como conquista.

Por isso a necessidade de desenvolver um olhar diferenciado para as questões contemporâneas referentes ao envelhecer, e através desta análise foi possível compreender que o idoso é visto de diferentes formas de acordo com o tempo e a cultura inserida, com a questão - O que se torna realmente importante nesse momento da vida?

Consideramos que é aquilo que nos constitui desde o início do nosso desenvolvimento físico e psíquico, a "apropriação de si", no sentido de reconhecer-se. E poder atribuir um novo significado, dentro dos limites possíveis da individualidade de cada um, reconhecer-se no que faz cada indivíduo "ser" no tempo de vida, lembrando que conflitos e desejos permeiam nossas existências. Como afirma Quinodoz (2009, p.774):

É difícil ceder nosso lugar antes de tê-lo encontrado, de deixar a vida antes de sentir que realmente se viveu, de terminar nossa história interna antes que ela tenha se tornado uma "história total", que nos pertence.

E considerar - Como queremos envelhecer?

## Referências

ARCURI, I.G. *Memória corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida*. 2º Ed. São Paulo: Vetor, 2006.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERES, V.L.G. *Quando nos tornamos velhos? Aspectos internos e externos desta questão*. São Paulo: Vetor, 2002.

BIANCHI, H. *O eu e o tempo: psicanálise do tempo e do envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1933.

FALEIROS, V.P. *A política social do Estado Capitalista: As funções da previdência e assistência sociais*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1985.

MAGALHAES, D.N. *A invenção Social da Velhice*. Rio de Janeiro: Edição do autor, Papagaio, 1989.

PAPALIA, D.E. *Desenvolvimento Humano*. Cap. 11-18. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

QUINODOZ, D. Growing old: a Psychoanalyst's point of view. *Internacional Journal of Psychoanalysis*, 90, 2009, 73-793.

RODRIGUES, L.S.; SOARES, G.A. *Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea*. *Revista Ágora*, Vitória. N.4; 2006, p. 1-29.

SANTOS, B.R. *De volta a cena – um estudo com idosos que trabalham*. Fortaleza, 2005. Disponível em [http://www.uece.br/politicasuece/index.php/arquivos/doc\\_view/53-ruthbritodossantos1](http://www.uece.br/politicasuece/index.php/arquivos/doc_view/53-ruthbritodossantos1) Acessado em: 26/05/2016

*Data de recebimento: 08/10/2016; Data de aceite: 25/11/2016.*

---

**Ana Carla Neves Santos** – Psicóloga. Curso de extensão Fragilidades na velhice: gerontologia social e atendimento / COGEAE/PUCSP. E-mail: [psico.anacarla.neves@gmail.com](mailto:psico.anacarla.neves@gmail.com) e [psico.anacarlaneves@gmail.com](mailto:psico.anacarlaneves@gmail.com)